

EDITORIAL

Dentre os aspectos que mais se ressentem o ensino odontológico no Brasil, é a falta de unidade didática um dos mais importantes.

Desenvolvem-se os currículos sem uniformidade de conceitos dos professores, estudam-se as matérias com as mais diversas apreciações sobre um mesmo princípio quando, e não raro, em completo antagonismo.

No ensino de aplicação, as condutas técnicas esquecem o que deve preconizar o ensino básico e o pré-clínico, para se estender nas mais variadas formas e métodos de execução.

De cada professor um conceito, um método, uma técnica, uma conduta, defrontando-se o estudante ao fim do curso de graduação, com um confuso tabuleiro, como se sujeito fôsse a um teste psicotécnico, procurando enquadramento lógico entre peças díspares para construir um conjunto harmônico.

A liberdade de cátedra, tão decantada quanto mal interpretada, confundida não poucas vezes com licenciosidade, mesmo no seu justo sentido de liberdade de conceitos, deverá ser harmonizada para que possa haver unidade didática e as instituições de ensino sejam caracterizadas por uma determinada formação.

Não haverá cerceamento da liberdade intelectual e sim entendimento e harmonia, em favor do ensino que num curso de graduação em Odontologia, assume enorme responsabilidade, pois que outorga um diploma mediante o qual lança-se o indivíduo na sociedade, com pleno direito do exercício profissional.

Não será justo que nessa altura, em jôgo com a saúde e bem estar humano, deixe-se ao jovem profissional o critério de escolha dos princípios e técnicas que deverão orientar a sua conduta.

A dignidade da profissão exige um esforço para a conquista da unidade didática nas nossas escolas, na certeza po-

rém, de que para consegui-la necessitamos primeiros atingir a unidade espiritual.

Compreensão e tolerância entre os homens, são frutos do sentimento da amizade.

Vale um esforço para que nos sintamos em paz com a consciência de formadores das novas gerações de cirurgiões-dentistas.